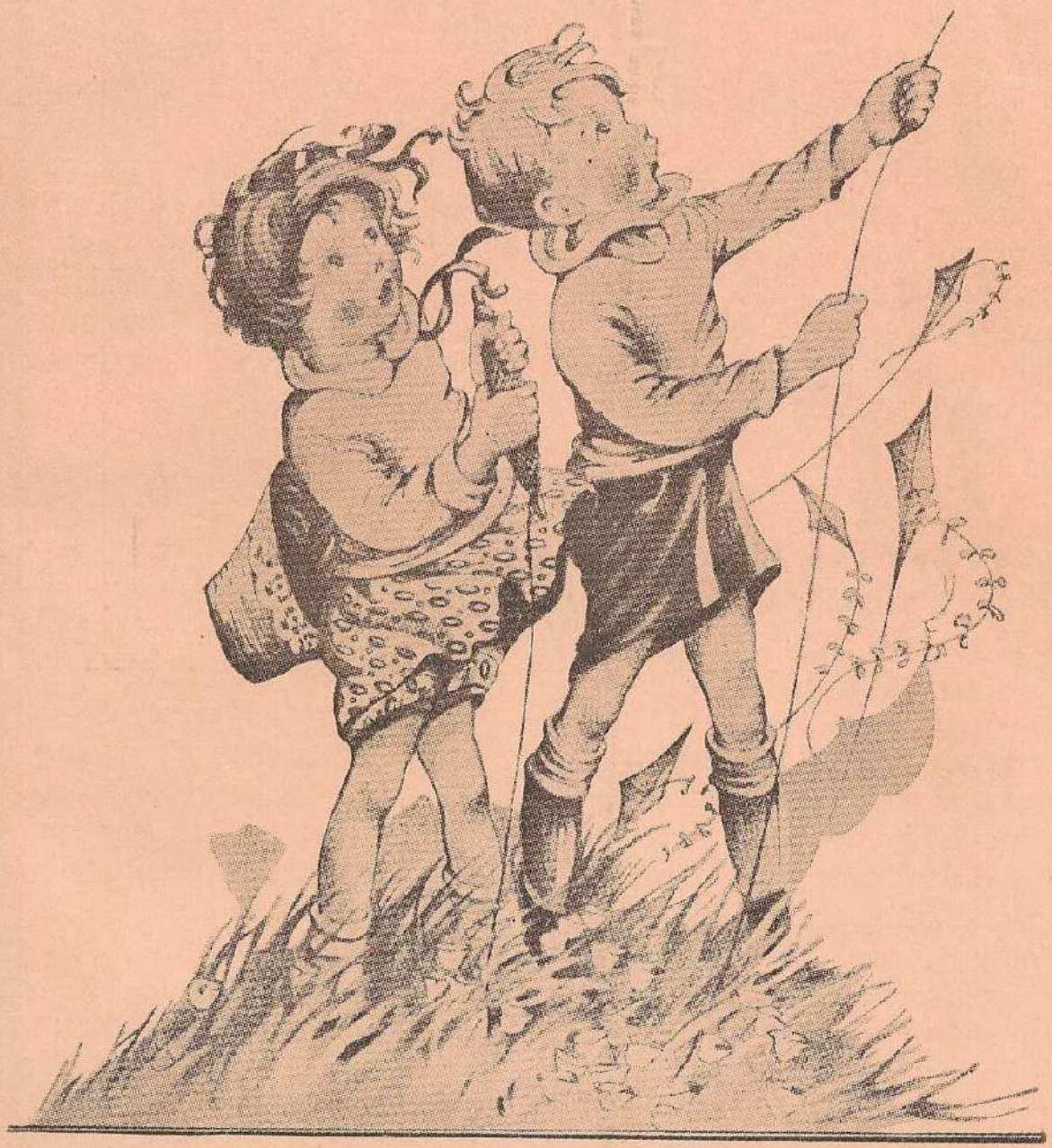
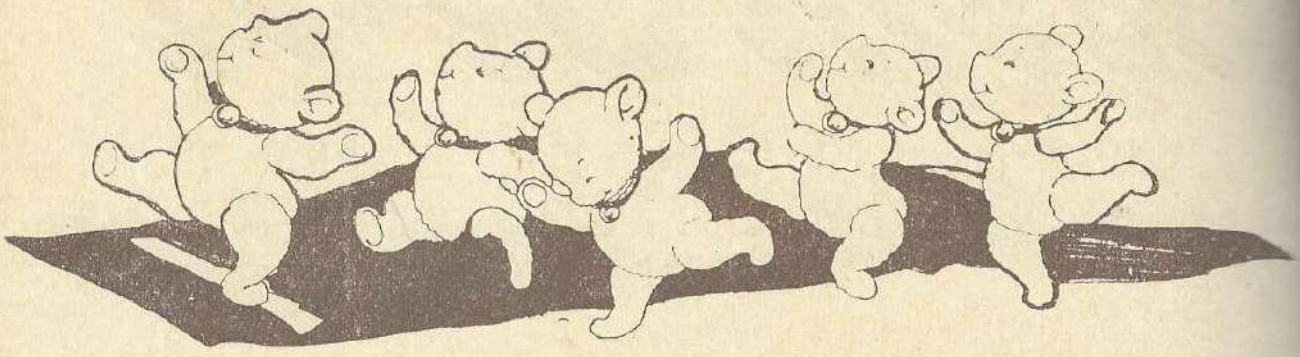
Bem-Te-Vi

ANO XVIII NUM. 10



OUTUBRO DE 1940

A caixa de cigarros novinha



De volta da escola, ao dobrar uma esquina, Chiquinho avistou na sargeta uma caixa de cigarros, novinha em fôlha. Que tentação! Alguém devia ter derrubado, sem dúvida.

Seu primeiro pensamento foi levá-la para casa, mas mamãe não havia de deixá-lo se soubesse. Ela sempre diz que o cigarro é amigo traiçoeiro e que as mães devem expulsá-lo de casa.

Ia pondo a caixa no bolso mas lembrou-se de que ficaria com a roupa cheirando como a do garrafeiro que às vêzes ia à sua casa comprar garrafas. Era um coitado a quem o pai chamava de "pobre escravo do vício".

O melhor seria presentear Ritinha, a empregada de d. Anália, mas é que Ritinha estava ameaçada de ser posta no ôlho da rua se mais uma vez a patrôa a encontrasse fumando.

Chiquinho levava a caixa entre os dedos, como que com mêdo. Não queria que sua mão ficasse com aquele cheiro horrível. Afinal resolveu esconder a caixa debaixo de uma pedra perto do portão de sua casa, para dá-la ao menino da venda quando fôsse à sua casa levar as compras, pois já o havia visto fumando diversas vêzes. Mas, o menino era magro, amarelo e tossia. Certa vez ouviu sua mãe dizer que o fumo aínda ia matar aquele menino se êle não o abandonasse. E Chiquinho não queria ser cúmplice nisso.

Mas que havia de fazer com aquela caixa de cigarros, tão bonita? A quem deveria dar? Ah! Sim! Daria ao fiscal que lê o relógio da luz. Às vêzes êle entrava em casa fumando. Mas na mesma hora Chiquinho ouviu uma voz que lhe segredou: "Não dê veneno a ninguém. Jogue isso fora."

Os cigarros pareciam queimar-lhe os dedos. Precisava dar-lhes um fim mas não tinha coragem de jogá-los.

Lembrou-se dos porcos de sua casa que comiam tudo e de tudo gostavam. Estava, pois, resolvido o caso. Daria fim aos cigarros. Trepou na cêrca e jogou. Os porcos vieram depressa, tanto quanto podiam, fossando aquí e alí, uns por cima dos outros. Deram com os cigarros, cheiraram, cheiraram e, mal satisfeitos, largaram-nos misturados com a lama.

Chiquinho viu muito bem que fim levaram os cigarros e refletiu, enquanto abria o portão de sua casa. A caixa era tão bonita... mas mesmo assim, sinto-me bem melhor agora que estou livre daquela porcaria que nem os porcos quiseram. Êle haveria de contar ao fiscal e ao menino da venda que nem os porcos quiseram aquilo.

Bem-Te-Vi

ANO XVIII ★ REVISTA MENSAL — matriculada conforme o decreto 24.776 de 14 de Julho de 1934. ★ NUM. 10

Gerente responsável: — Fernando Buonaduce

Redação: Av. Condessa de São Joaquim, 155
Oficinas: Rua da Liberdade, 659

Assinatura anual 10$000
Número avulso . 1$000

Tôda a correspondência deve ser enviada à Gerência do "Bem-Te-Vi"—Caixa Postal, 3120—S. Paulo

Diretor: Afonso Romano Filho

• São Paulo, Outubro de 1940 •

Redatora: Antonieta Gonçalves Gilioli

UM PRESENTE PARA A MÃEZINHA

— Será que ela vai gostar?

— Ih! Tomára que saia bom!

No dia marcado, Arline e Diná recebiam a encomenda do retratista.

— Ótimo! Melhor impossível. Você saiu muito bem, Diná.

— E você também, Arline.

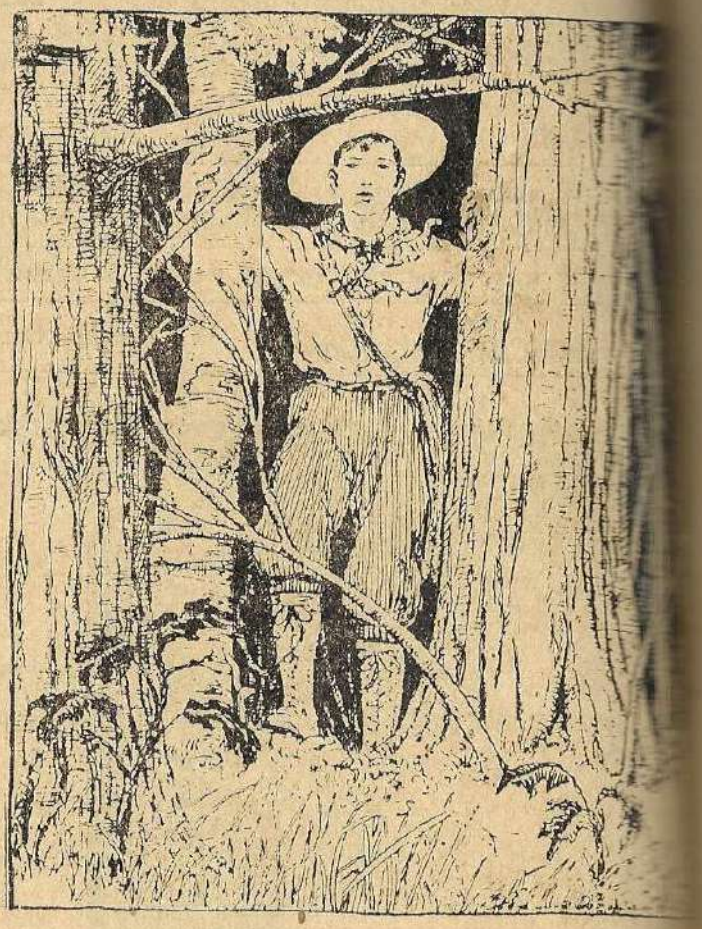
Mas as duas irmanzinhas quasi não aguentavam guardar o segrêdo até o aniversário da mamãe. Papai recomendou muito que ficassem caladinhas. Felizmente o dia festivo chegou logo.

Mamãe apreciou-o imensamente. Suas filhinhas, de rosto alegre, como sempre, fizeram-lhe uma surpresa de verdade.

Vocês também já tiveram idéia de alguma vez presentear mamãe assim?

QUE FARIAS TU?

O PEQUENO TELEGRAFISTA ★



Agenor enxugou o rosto, o pescoço e, endireitando os suspensórios, olhou para a mãe e disse confiante:

— Além disso, já vou fazer treze anos. Sou escoteiro, valente e decidido. A senhora pode confiar em mim.

— Bem sei, filho, mas...

— O sr. Gregório, mamãe, disse-me que às vêzes êle se sente tão só, tão distante, embrenhado lá na mata, que até fica triste. Coitado! Não acha que se eu chegasse de surpresa para fazer-lhe uma visitinha, êle ficaria contente? E' uma boa caminhada, é verdade, mas com um bom farnel como a senhora sabe arranjar, ah! vai-se bem. Levarei a lanterna e meu canivete de escoteiro. A senhora deixa, mamãe?

— Receio um pouco, Agenor. E' muito perigoso você atravessar sozinho 18 quilômetros de mata. Há cobras e insetos perigosos. Contudo, já que você quer mesmo, vamos ver.

— Viva! Viva! gritou êle, certo do consentimento da mãe.

No dia seguinte, madrugaram. Às seis horas dizia-lhe adeus.

— Num passeio como êste, lembrou-lhe a mãe, nunca se sabe o que nos espera. Porém, se você já se sente capaz de empreendê-lo sozinho, saberá também o que fazer em casos de emergência.

— Não tenha cuidado, mamãe. Serei prudente. Até logo.

Deu-lhe um beijo e saiu. Como ia contente! Visitar o sr. Gregório no pôsto telegráfico era-lhe um verdadeiro gôzo. O snr. Gregório, o encarregado do pouso de *Águas Claras*, morava sozinho, no cume dum monte, num rancho de sapé, na picada da linha telegráfica.

Nas férias grandes Agenor passou dias em companhia dêste amigo, tendo tido nessa ocasião, oportunidade de familiarizar-se com o manejo do aparêlho, uma vez que já conhecia o alfabeto Morse, que aprendera sozinho, tal o seu gôsto pela telegrafia. Era, pois, sua ambição trabalhar na linha telegráfica que cortava o interior do país.

Não era trabalho fácil manter a linha em bom estado. Por vêzes era um temporal a derrubar um poste aquí ou alí; e vêzes havia em que eram os índios a cortá-los, julgando encontrar neles mel de abelha, em virtude do zunido próprio dos postes telegráficos.

Nos primeiras horas daquele dia, Agenor venceu uma boa caminhada, pois o dia estava fresco, êle, bem disposto e o caminho ainda fácil.

Pouco a pouco a floresta foi-se tornando mais e mais densa. De vez em quando Agenor estacava boquiaberto numa clareira, para contemplar

alguma árvore gigantesca que fôra abatida por algum raio. Outras vêzes balançava-se agarrado aos cipós que pendiam entrelaçados das árvores; mais além hesitava sem saber se estava na direção certa, tal a densidade da floresta. Às dez horas parou para merendar e descansar, pois o cansaço já quasi o subjugava. Levava consigo o relógio, presente do pai, e que nesta viagem era a sua única companhia. Depois de repousar uma hora, levantou-se bem disposto; todavia sentia as pernas doloridas e parava frequentemente, ora para tomar fôlego, ora para observar uma flôr ou ouvir o canto efusivo dos pássaros em plena liberdade. Pouco se lhe dava a hora de chegar à casa de Gregório, contanto que lá estivesse antes do anoitecer.

Começavam as sombras a cair quando êle avistou a estação telegráfica no cume do morro. Estava esfalfado, é verdade, mas fizera um passeio maravilhoso através da floresta. Uma surpresa, porém, o esperava. Tomou o carreiro pelo monte em direção à casa e, ao dar a volta para entrar pela frente, deu com o snr. Gregório estirado no chão, perto da escadinha e, sem poder se mexer. Parecia sofrer muito. Ao ouvir sons de passos, ergueu a cabeça, entre assustado e esperançoso. Agenor jamais se esqueceria daquela mudança de expressão. Naquele rosto pálido e trágico brilhou um raio de esperança.

Percebeu imediatamente que alguma coisa triste havia acontecido. Abaixou-se ao lado do amigo e perguntou solícito: "Que foi?".

Com esfôrço o outro respondeu:

— Quebrei a perna, Agenor. Caí hoje cedo... lidando para arranjar o fio da linha; o tombo foi feio; estava a três quilômetros daquí. Arrasteime com sacrifício incrível para chegar onde estou, mas não pude subir êsses degraus; passei o dia neste estado, sem uma viva alma para me socorrer.

Coitado! Como respirava com dificuldade! Quanto não deveria ter desejado alguma compania!

— Estou muito contente por ter vindo, disse Agenor, depois de o ouvir sôbre o triste acidente.

— Como foi que você apareceu por estas alturas? Eu esperava alguém, mas não você. Sabia que a estação de Parecís mandaria alguém aquí, percebendo que o dia findava sem nenhuma comunicação minha. Já estava, porém, resignado a passar a noite ao relento até chegar socôrro.

Agenor explicou:

— Faz muito tempo que queria vir fazer-lhe uma visita. Tanto insistí que mamãe afinal permitiu.

Gregório quís bater-lhe ao ombro, uma tapinha de amigo, mas com o movimento, embora insignificante, confrangeu-se-lhe o rosto de dôr.

— Isso é que é amizade! Andar três léguas de floresta — apenas para ver um amigo!

— Estou contente por ter vindo, repetiu o rapazinho, sem ter outras palavras para expressar os seus sinceros sentimentos.

— E eu mais aínda. Só Deus sabe.

Por uns momentos ambos ficaram em silêncio. Agenor matutava: que auxílio deveria prestar? Qual a melhor coisa a se fazer primeiro num caso dêsse?

Foi Gregório quem falou:

— Já faz umas sete horas que estou deitado aquí, e queria tanto um golinho de café.

— Isso eu posso fazer; já fiz diversas vezes para mamãe. E enquanto a água ferve, telegrafo à estação mais próxima, pedindo socôrro.

— Mas para você telegrafar é preciso ir ao outro pôsto, pois, os fios entre *Águas Claras* e aquela estação estão caídos e foi justamente quando os consertava que tombei do poste.

A notícia desconsertou o rapazinho; êle não esperava por êste contratempo. Contudo, tomou logo uma decisão.

— Não importa, irei até lá. Não será por causa de uma légua e pouco de caminho, que deixarei o senhor sofrer por mais tempo.

E no falar mostrava tanta resolução que o snr. Gregório não deixou de ficar admirado diante da grande bondade e coragem do seu verdadeiro amigo. Sua visita fôra providencial, não havia dúvida.

Êle estava mesmo decidido a agir.

— Que bom. Faça então o café e depois veremos. Você deve estar bem cansado, não?

Gregório estava tão pálido e abatido que o rapazinho até ficou assustado.

— Oh! não, apressou-se em dizer. E' só eu comer o lanche e estarei novamente reforçado. Vou buscar-lhe um travesseiro.

O nosso heroi preparou primeiramente o café ao doente e só então comeu um pouco.

Começava a escurecer quando Agenor acabou de merendar. Depois cobriu o amigo com um cobertor para resguardá-lo do frio da noite. Gregório suportava heroicamente o seu sofrimento que não passava despercebido ao menino.

— Você está mesmo disposto a ir? perguntou o doente, vendo o menino levantar-se.

— Como não? respondeu êle. (Mas a verdade é que bem quisera poder descansar um pouco,)

— Bem, então escute. Você se lembra daquele pôsto em que paramos umas horas, da outra vez em que você esteve aquí? E' lá. Fica à esquerda de quem vai. Você terá de caminhar uns 7 kms. para ir e outro tanto para voltar. Será que é capaz?

— Sem dúvida.

— Leve então a lanterna cega e vista um paletó meu, pois vai sentir frio. Muito cuidado para não perder o caminho. Chegando lá, transmita a estação de *Parecís*, endereçando ao Cap. Cardoso.

— Está bem. Procurarei fazer tudo o mais depressa possível. Até logo.

— Que Deus o acompanhe, Agenor. Você é corajoso! E' um heroi mesmo!

— Não será difícil, respondeu êle já a caminho. Fique tranquilo que hei-de chegar direitinho.

Andado um km., já a escuridão envolvia por completo a floresta. Graças à lanterna, Agenor podia enxergar onde pôr o pé. Não hesitou, embora sentisse mêdo quando, tirando os olhos do caminho iluminado, só via trevas atrás, trevas na frente e trevas dos lados. Um vento brando agitava levemente os galhos, produzindo ruídos estranhos. Como é terrível a solidão! O caminho era áspero. Sentia, às vezes, desejo de retroceder, mas pensando no amigo naquele estado, enchia-se de ânimo. Era um dever. "Que azar!" pensava êle, "si o telégrafo de Gregório estivesse funcionando, seria a coisa mais fácil telegrafar. Mas que sorte mamãe ter deixado eu vir! E até que não estou muito cansado e nem com mêdo. Ih! Se ela soubesse que a estas horas, no escuro, seu filhinho está caminhando na mata... Mas, e si eu não souber telegrafar?! Ah, não! Seria o cúmulo! Alguma coisa eu hei-de fazer!

Gregório frisou bem que o pôsto telegráfico alí existente a propósito para casos de emergência, ficava perto do córrego, logo depois da ponte. E para sua alegria, já começava a ouvir o barulho da água. Agenor

foi ficando nervoso de ânsia. Mais uns passos apenas. Afinal! Ia transmitir sua primeira mensagem telegráfica. E se falhasse? Não seria sòmente o seu amor próprio a sofrer; tratava-se também da saúde do seu grande amigo. Era preciso, portanto, cuidado, nada de precipitação.

Concentrou-se, lembrando então tôdas as explicações que o snr. Gregório lhe ministrara.

Começou a manipular o aparêlho e transmitiu a seguinte mensagem:

"*Cap. Cardoso — Parecís.*

Gregório gravemente ferido pouso Águas Claras mande médico urgente. — Agenor Borges, pôsto 57."

Nunca em sua vida esperara alguma coisa com tanta ânsia como a resposta do seu telegrama. Sim, pois a resposta significaria a salvação para o snr. Gregório e a prova da sua capacidade como telegrafista. Felizmente não tardou que se ouvisse no minúsculo rancho de sapé do pôsto 57 o característico tic e tac do telégrafo e Agenor, cheio de alegria, decifrando na fitinha amiga a mensagem da vitória:

"*Agenor Borges — Pôsto* 57.

Socôrro médico segue urgente stop Felicito e agradeço pequeno grande heroi. — Cap. Cardoso.

Como se sentia feliz! O Cap. Cardoso tinha recebido sua mensagem, respondera imediatamente e o chamara de heroi.

Seria mesmo um heroi? O Cap. Cardoso era um chefe que sabia o valor das palavras e não o teria dito se isto não fôsse verdade. Seja como fôr, êle tinha completa conciência de ter cumprido sua missão. Quanto não havia de ficar alegre sua querida mãezinha ao ter conhecimento disto! Foi com estas reflexões que terminou de ordenar novamente o aparêlho e tratou de regressar. Percebeu então o grande cansaço de que estava possuído.

Pensou em deixar-se ficar no pôsto 57. O socôrro havia de chegar, mesmo que êle não chegasse. Logo, porém, lhe veiu à lembrança o snr. Gregório, estendido ao relento, sem nenhuma voz amiga a minorar-lhe as dôres. De qualquer jeito devia voltar.

Reiniciou, pois, a caminhada, mas já quasi desfalecido. Era tal o seu cansaço, que cada passo parecia uma agonia, mas foi indo. Oh! Como desejava parar alí mesmo e dormir um pouco! O caminho era áspero. Mas que diferença! De dia quando por alí passara, não achou dificuldade nenhuma. Mas agora! Entretanto, como um heroi, não parou.

Precisava voltar para dar mais uma chícara de café ao amigo e contar-lhe que o médico não devia tardar. Nos lugares de travessia menos difícil, êle corria um pouco. Parar, não. Coitado, estava tão cansado que nem pensava na escuridão que o envolvia ou na solidão em que se achava. E assim, com tamanha dificuldade, venceu os sete quilômetros e finalmente se viu subindo de novo o morro em cujo tôpo se achava a cabine do snr. Gregório.

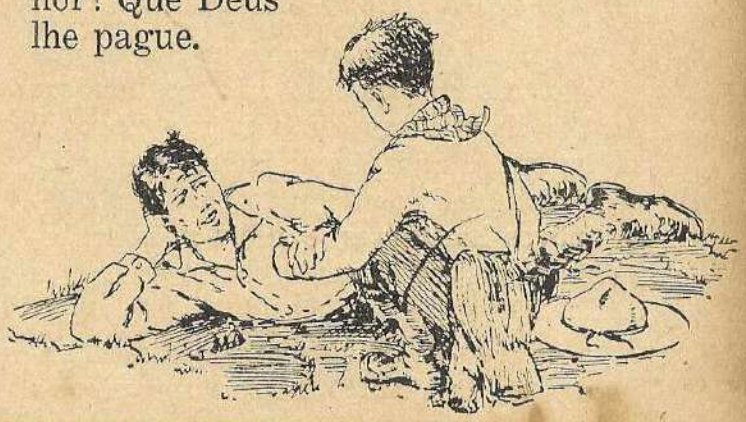
Tropeçando aquí e alí, tonto de sono, exhausto, nem sabe como chegou. Ajoelhou-se ao lado de Gregório e contou-lhe que já deviam estar a caminho. Deu-lhe mais café, cobriu-o com outro cobertor. Havia afinal chegado o seu momento de descansar.

E alí mesmo deitou e dormiu, repetindo:

— Êles já veem, êles já... veem.

Gregório, com dificuldade, jogou a ponta do cobertor sôbre o rapazinho adormecido e comovido ante tamanha bravura e desprendimento, apenas pôde dizer:

— Um grande menino, êste Agenor! Que Deus lhe pague.



Brasileiros Ilustres

MAUÁ

O homem que soube perder tudo sem perder o ânimo e a resignação.

Vamos hoje buscar um menino, lá no R. G. do Sul, da terra dos gaúchos entusiastas e valentes. E' Irineu Evangelista de Souza, nascido a 28 de dezembro de 1813, e que veiu a ser o barão de Mauá. Será que algum bem-te-vista faz anos junto com êle? Aos nove anos, coitadinho, perdeu o pai. Vocês sabem quanto é duro ser órfão? Dois anos depois, contando apenas onze veiu para o Rio de Janeiro, com um tio e se empregou numa casa comercial para começar sua vida. Principiou como vassoura, um simples vassoura. Trabalhava desde manhã até tarde da noite. Foi depois um caixeiro exemplar e com êsse patrão, o snr. Pereira de Almeida, trabalhou quatro anos. E sabem por que não continuou alí? Os negócios do snr. Almeida não corriam bem e em sinal de reconhecimento pelos favores recebidos do snr. Carruthers, também dono de importante casa comercial, quís o snr. Almeida presenteá-lo com um "bom caixeiro". E lá foi Irineu para a casa do snr. Carruthers, negociante inglês, riquíssimo e de muito bom coração. Foi a felicidade de Irineu, pois fiel e ativo como era, caiu-lhe logo na simpatia. Quem não gosta de um empregado que faz tudo bem direitinho, concienciosamente e de bom humor? Tanto assim que Carruthers lhe ensinou o inglês e lhe deu muitas noções de comércio. O aluno era-lhe afeiçoado; aprendeu, pois, a negociar com a prática dum inglês. Mas Irineu, não ficou vassoura tôda a vida. Êle era um rapazinho esforçado, inteligente, de grande iniciativa e não podia ficar marcando passo. Carruthers percebeu logo a firmeza de seu caráter e o de que êle era capaz; por isso não hesitou em dar-lhe lições. Aos vinte e três anos já era sócio da casa Carruthers. O gauchinho foi subindo os degraus para descortinar novos horizontes, e subiu-os honradamente à própria custa! Quanto esfôrço e dedicação!

Os bem-te-vistas devem ler com atenção o que êste moço veiu a ser para o Brasil. Infelizmente poucos lhe conhecem os frutos. Mas os bem-te-vistas devem querer conhecer a vida dos bons brasileiros e porfiar em seguir-lhes o exemplo.

Irineu Evangelista amava extremamente o Brasil, como raros brasileiros o amam. No seu ramo de negócios foi-se tornando rico. Ficou riquíssimo. Que fez? Casas? Não! Empregou a sua fortuna tôda em benefícios para o Brasil, e muitas vêzes com prejuízo próprio.

Possuia um coração amoroso e grande. Estava sempre pronto a dar esmolas e ajudar nos movimentos beneficentes. Compadecia-se profundamente dos escravos e ajudava-os a fugir, abrigando-os aquí e alí, sempre que podia, pois não se conformava com o seu cativeiro.

Aos 33 anos a fortuna particular de Irineu Evangelista era tal como de outra não há memória. O comércio deu-lhe dinheiro e com fartura. Mas, movido por outro sentimento que não a ambição, deixa sua casa comercial para trabalhar abnegadamente pelo país.

O seu primeiro passo para o melhoramento do Brasil daquela época foi o estabelecimento de fundição e de construção naval na Ponta da Areia; a seguir a creação de oficinas de fundição e estaleiros. Porém, a Ponta da Areia começou a dar-lhe prejuízo, em virtude dum incêndio, o que lhe acarretou uma perda de mil contos!

Não desanimou êste homem de têmpera férrea. Pensam que êle se vingou não empregando mais um vintém de seu? Pelo contrário. Deu tudo. Além de ajudar a muitas organizações de melhoramentos urbanos, dedicou-se de corpo e alma à indústria de transporte, o que foi sempre a sua maior preocupação, quer fôssem as estradas de ferro, quer a navegação.

Para a primeira estrada de ferro aquí no Brasil construída, êle obteve de seus amigos 2/3 do capital necessário, desembolsando êle próprio o resto, que foi de 800:000$000. E a primeira locomotiva

correu em 30 de abril de 1854, percorrendo em 23 m. os primeiros 15 kms. de trilho no Brasil. Essa estrada se chamava Estrada de Ferro Mauá e vai do Rio de Janeiro a Petrópolis. Era um grande passo para o progresso. E outras depois surgiram.

Pouco antes disso ei-lo no Rio de Janeiro, lutando para introduzir na cidade a iluminação a gaz, até então feita com azeite. O assunto foi muito estudado. O imperador temia que tal melhoramento não trouxesse o lucro esperado. Mauá fê-la então à sua custa e em 25 de março de 1854 era estreada no Rio de Janeiro a iluminação a gaz. Aos habitantes ficou mais barato, a cidade muito mais bem iluminada e de tal emprêsa Mauá embolsou umas 250.000 £.

De outra feita tomou Mauá um prejuízo de 100:000$000 em virtude de más informações dadas por pessoas de sua confiança. Entrou em sociedade para explorar filões de ouro de Minas Gerais, nada conseguindo. Contribuíu largamente para outros grandes empreendimentos, num dos quais perdeu 200:000$000.

E que dizer de sua creação bancária? Foi quando o nome Mauá transpôs as fronteiras do Brasil para figurar na Inglaterra e no Uruguai. Quantas vêzes não socorreu êle o Brasil nas crises financeiras por que passou! Mas, coisa triste — Mauá lutou muito. Vieram decretos, dizem uns, propositadamente, ferí-lo de tal modo que não teve por onde escapar — faliu. Mas sua falência não deu prejuízo a ninguém. Entregou o que tinha e voltou ao trabalho, já com idade avançada, para pagar a todos até o último real. Que caráter reto! Falência como esta em que só o falido toma prejuízo é caso singular. A beleza de sua integridade, sua moral elevada e a sua firmeza na adversidade, sua consagração ùnicamente em benefício do Brasil, tornam-no digno do respeito, da admiração e do amor de todos os brasileiros.

Morreu em 22 de outubro de 1889, mas suas obras ficaram e com elas, sua vida exemplar.

"Salve-se do naufrágio aquilo que para mim vale mais do que quanto ouro tem sido extraído das minas da Califórnia, um nome puro, pois persisto em acreditar que o infortúnio não é um crime", disse Mauá em **"Exposição aos credores"**, (pág. 6) assim nos informa Alberto Faria em seu livro **Mauá.**

NOTA — Por um lapso deixou de sair o nome de **Mme. Franco**, autora do artigo sôbre o general Rondon, saído no número passado. Pedimos-lhe desculpar-nos falta tão involuntária.

★

PETISCOS para os Bem-Te-Vistas

PUDIM DE LARANJA

2/3 ch. açúcar.

1/3 ch. manteiga.

2 ovos bem batidos.

1 1/3 ch. farinha peneirada.

1 1/2 col. (das de chá) de fermento royal.

1/4 colherinha de sal.

1/2 ch. caldo de laranja.

1 col. de caldo de limão.

Casca ralada de 2 laranjas.

Bate-se bem a manteiga, adicionando o açúcar. Põem-se os ovos. Peneiram-se os ingredientes secos e mistura-se alternando com o caldo de laranja, de limão e as cascas raladas. Mexe-se bem até ficar bem liso e despeja-se em forminhas untadas. Cobre-se e assa-se em banho-maria. Serve-se quente com o seguinte molho:

1/2 ch. caldo de laranja.

1 colher (das de chá de caldo de limão).

1/2 ch. água.

3/4 ch. açúcar.

Feito êste xarope acrescenta-se 1 ch. de pele de laranja (moida). Serve-se o môlho também quente.

Abecedário do escolar

A - AR puro em casa e na escola,
no trabalho e no dormir,
tôda a criança precisa,
se deseja progredir.

B - BANHO frio, se possível,
diàriamente, já se vê;
todavia, bem morninho,
se a criança for bebê.

C - COMIDA boa, escolhida,
horas certas no comer,
são preceitos que vigoram
para a vida e seu prazer.

D - DENTES fortes, sãos e lindos
bem merecem atenção;
escove os dentes, ao menos
sempre após a refeição.

E - ESQUECER-SE dos deveres,
mau costume, por que não?
Faça tudo a tempo, à hora,
faça mais, com perfeição.

F - FRUTA boa, bem madura,
devemos todos comer;
tôda fruta é sempre boa,
de manhã, se apetecer.

G - GINÁSTICA, sabem todos,
tem seu proveito afinal,
se for feita como deve,
sem partidos, sem rival.

H - HIGIENE, saúde e vida,
são irmãs de criação;
vivem bem andando juntas,
separadas não se dão.

I - INSTRUÇÃO, grande riqueza,
tôda a gente deve ter;
criança, comece agora,
instruindo-se a valer.

J - JUSTIÇA, direito e senso,
dizem todos que convêm;
justiça, pois, a seu tempo,
para as crianças também.

L - LEITE puro, beba sempre,
diàriamente, com prazer;
criança tomando leite,
tem fôrças para crescer.

M - MÃOS limpas, sempre limpinhas,
tôda a criança terá,
quando souber que a limpeza
sòmente bem lhe fará.

N - NÃO e não... que coisa feia
ouvir-se falar assim;
diga **não** se for errado,
mas pelo bem diga **sim**.

O - OLHOS lindos da inocência,
onde a candura reluz,
são aqueles da criança
que só bondade traduz.

P - PONTUALIDADE é virtude,
que se deve cultivar;
aprenda criança em tempo,
a sempre na hora estar.

Q - QUERER é bom na criança,
quando sabe obedecer;
criança, pois, não vacile:
queira sempre o bem-querer.

R - RIQUEZA não é dinheiro,
mas virtude individual;
junte, pois, tôda a criança,
dêsse imenso capital.

S - SONO é coisa que, de certo,
todos nós queremos ter;
deitar cedo, pois, criança,
para cedo amanhecer.

T - TRABALHO é bênção divina,
todos devem trabalhar;
quem estuda já trabalha,
trabalhe, pois, no estudar.

U - UNIÃO é fôrça que vence:
são mil fôrças para um fim;
na escola, pois, nos estudos,
haja sempre união assim.

V - VALENTIA, todos sempre,
contra o mal devemos ter;
valentia nos estudos,
no trabalho e no saber.

X - XADREZ tem x no comêço,
mas x em tudo se vê;
x é coisa não sabida,
saiba o x, saiba porquê.

Z - ZANGA muito quem só pensa
ser melhor que seu irmão;
criançada, não se zangue:
queira bem de coração.

Antônio de Campos Gonçalves.

Como terminou a guerra

Era o passa-tempo predileto da criançada brincar de guerra. Reuniam-se os priminhos, todos os domingos à tarde, e cada qual arranjava logo uma arma. Era um pau atravessado à cintura a servir de espada ou mesmo uma garruchinha das que se dão às crianças. E o brinquedo ia animado. Corria um daquí, atirava outro alí e mais adiante gritavam outros.

Na sala de jantar estavam os pais conversando sôbre assuntos diversos, quando uma das mães se lembra de uma coisa mais importante aínda — o brinquedo dos filhos.

Observa-os de longe. De que estarão êles brincando com tanto entusiasmo? "De guerra!" exclama entristecida. E não espera mais. Dirige-se a êles e os chama. As crianças param um tanto impacientes, pois a chegada da mamãe interrompera o combate simulado.

— Meus filhos, que é isso?

— E' de brincadeira, mamãe. Estamos brincando de guerra!

— Mas então vocês gostam tanto assim da guerra? E gostam **de matar**?

As crianças ficam um pouco desapontadas.

— Mas nós não matamos, mamãe, explicou um, apenas fazemos de conta...

— Escutem um pouco. Se Jesús fôsse um menino do tamanho de vocês e estivesse aquí brincando junto, vocês acham que êle gostaria de brincar de guerra? Pensem bem.

— Ah! Isso não, disse logo o Armando.

— E vocês não me disseram aínda hoje, quando estudavamos a lição do catecismo, que queriam imitar a Jesús em tudo?

— E' mesmo! confirmou o Heitor.

— Pois então? Jesús está vendo o seu brinquedo mas tenho a certeza de que não está tomando parte nele.

— Então é melhor desistir disso, sugeriu Flávio, o mais velho da turminha.

— Mas então de que é que vamos brincar? suspirou o Heitor.

— Sabem? Tenho uma idéia, continuou a mãe. Já que vocês estão pensando tanto em guerra e já se lembraram do que Jesús ensinou, por que não brincam de hospital? Os meninos poderiam ser os médicos e as meninas, as enfermeiras. Que tal?

— Isso mesmo! Então vamos. Você, Armando, guia a ambulância, eu aplico injeções, Carmen põe compressas e Elisinha faz as ataduras, disse Flávio.

— Muito bem; e os doentes? lembrou Heitor.

— Ora, serão as nossas bonecas! exclamou logo a Elisinha, resolvendo assim o caso.

E minutos depois estavam novamente as crianças entretidas no brinquedo novo, que, ao invés de lhes incutir o sentimento da destruição, impelido pelo ódio e vingança, aviva-lhes o sentimento da conservação da vida, exercitando-os sobretudo na prática do amor.

SECÇÃO DOS P

O PORQUINO

O porquinho arteiro vivia pensando só em fazer artes. A última que êle fez foi enganar a vovó. Lembram-se? No fim foi a vovó quem lhe pregou uma daquelas!

Agora êle imaginou, imaginou, e resolveu ser cartomante. Ótima idéia! Correu ao baú onde estavam guardadas as roupas de pouco uso e lá encontrou o vestido de fantasia que uma vez sua tia usara. Ah! Se servia! Depois foi ao quintal, arrancou da cêrca uma táboa e nela escreveu o seguinte anúncio: "*Lê-se a sorte por* $500."

Vejam só que malandro!

"Muito bem, hoje é dia de S. João e vou ter muitos bobos para enganar. Vou escolher um lugar onde eu fique bem saliente. A fantasia é muito grande, mas não faz mal, serve até de disfarce. E nos olhos, já se sabe, uns bons óculos para dar ares de importante. Garanto que ninguém me há-de conhecer."

Ao escurecer, pois, saiu à rua, satisfeito, risonho até, imaginando o dinheirão com que havia de voltar e pensando nas gulodices com que se iria deleitar.

O porquinho arteiro escolheu um lugar por onde passasse bastante gente e alí se instalou. E esperou, esperou, esperou, coitado; muita gente passou e muita gente leu o seu anúncio; a todos êle fez um sorriso amigo, mas ninguém quís tirar a sorte.

Com isso êle foi ficando triste e desapontado; já estava quasi chorando quando ouviu uma voz bem pertinho dizer:

— Boa noite, senhor. Quero saber minha sorte.

Um arrepio de frio passou-lhe pelo corpo. Que sabia êle? Até quasi se arrependeu de ter sido tão ousado!

Era sua vovó que alí estava, esperando para saber seu futuro. Que apuros!

PEQUENINOS

HO ARTEIRO

— Pois não, disse em tom confiante. Ponha aquí os quinhentos réis e sua sorte será lida. Sente-se nesta pedra.

E, tomando a mão de sua vovó, leu, com voz melodiosa e meiga:

— A senhora tem um netinho que é um encanto de porquinho! Mas... barbaridade!... às vêzes a senhora é muito severa e até mesmo cruel para com êle, que é um santinho! A senhora lhe dá muito serviço além de obri-

gá-lo a ir à escola. Em trôco de morar em sua casa, devia a senhora ser-lhe muito agradecida pela companhia e, no entanto, minha senhora, vejo com tristeza que até já o tem surrado.

Então ela não aguentou mais e disse com severidade:

— Muito bem! O senhor tem tôda a razão. Tenho sido mesmo muito cruel! E imagine, pensar que aquele porquinho que não tem nem um tostão furado, vê-se obrigado a morar comigo! Mas, não precisa o senhor ficar com dó dêle, pois daquí mesmo vou para casa e as coisas tomarão novo aspecto! Já sei! Chegando lá, arrumo a sua trouxa e êle que vá p'ra longe, bem longe.

Ao ouvir tais resoluções, o porquinho arteiro quasi teve uma vertigem.

— Sou eu! Sou eu! exclamou aterrorizado! A sorte foi uma brincadeira, vózinha. Não fique brava!

— Disso sabia eu desde o princípio! disse a vovó, rindo e nem um pouco zangada. Vamos, ande para casa e tire essa roupa, seu engraçado. Que será que essa cabecinha vai inventar depois disto?

E a-pesar-de estar o porquinho muito envergonhado por haver tentado enganar a sua boa vózinha, êle lhe deu muitos abraços, vinte ao todo, para mostrar que de modo algum êle queria deixar a sua vovó querida!

CALÇADO E ALFABETIZAÇÃO

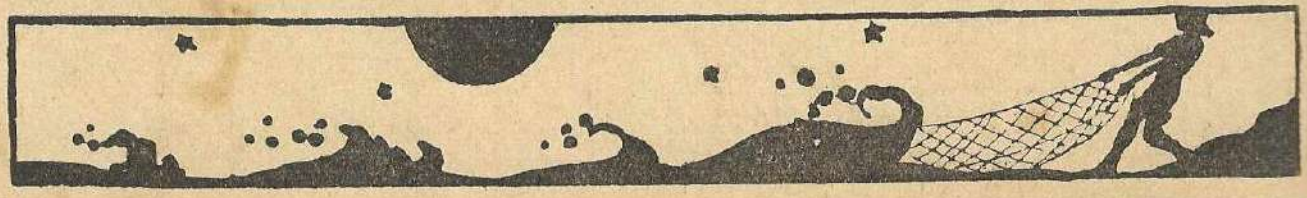
Está despertando o vivíssimo interêsse que merece e de que realmente precisa a recente iniciativa, do Sindicato de Industriais de Calçado de S. Paulo, procurando generalizar e intensificar o uso do sapato, especialmente nas populações rurais.

Estas, mais do que as das cidades e outros núcleos de apreciável densidade humana, são as que menos conhecem a imperiosa e contínua necessidade do calçado como o meio de proteção elementar. Julgam-nos ainda, uma manifestação de luxo e como tal dispensável na grande maioria dos casos, mas na espécie não se trata tanto de completa ignorância como da persistência de uma noção errada. Acredita o homem do campo que o sapato é apenas usança incômoda da gente citadina, na qual nestes últimos anos está tendo sensível difusão o costume de andar sistematicamente sem chapéu. Ao passo que o homem da cidade se liberta assim de uma noção secular, trazendo agora a cabeça descoberta, o do campo sentir-se-ia diminuido se não tivesse sempre a cabeça coberta, mesmo dentro de casa.

Temos aí duas tendência bem distintas, opostas até, mas não cabe explicá-las à luz do maior ou menor grau de alfabetização dos que as adotam. Não é, de fato, imprescindível saber ler e escrever para fazer ou deixar de fazer coisas prejudiciais ou benéficas à saude e sim cumpre ficar convencido, quer pela experiência própria quer pelo exemplo alheio, de que uma determinada norma de ação resulta com efeito proveitosa. O alfabetizado é, sem dúvida, mais fácil de atingir pela palavra escrita, mas o não alfabetizado é, por sua vez, menos resistente aos conselhos da palavra falada e, principalmente, aos da imagem, mormente quando esta se apresenta na forma de desenho simples e forte, reforçado pelo prestigio das côres. Seria ideal, sem duvida, que outras entidades estivessem dispostas e preparadas com os recursos financeiros especiais para reduzir no país o número de analfabetos, mas não há realmente incompatibilidade alguma entre a alfabetização e o uso do calçado. Uma e outro são aspectos da educação, que longe de se combater se completam. Se a amplitude da instrução pelo menos primária apressará sem dúvida a chegada do momento em que cada brasileiro saiba — e ponha em prática — a defesa orgânica que representa o fato de andar calçado, não é menos verdade que o uso do calçado, por sua vez, influirá poderosamente no sentido de uma mais rápida e larga alfabetização, pois êste uso protege a saúde e até a vida ; e um homem são e vivo poderá sempre receber os benefícios do alfabeto Doente só dificilmente os aproveitará e morto desafia todo e qualquer esfôrço instrutor.

Tenhamos sempre presente que um espinho, um germe ou os dentes de uma cobra venenosa não farão nunca distinção entre os pés de um analfabeto e os do sábio de um instituto. Só o sapato de fato a um e a outro defenderá da extensa série de perigos, alguns mortais, que ameaçam quem anda descalço.

Copyright de SPES de S. Paulo



O MENINO E A LUA *(Um sonho)*

Era uma vez um menino chamado Omar. Morava com os pais numa vila bem distante daquí.

Tôdas as noites antes de se deitar costumava tirar tudo o que havia no bolso de sua calça, pondo sôbre a cadeira, pois a contemplação dos brinquedos causava-lhe prazer. Nesta noite êle tirou diversas bolinhas de gude, um níquel de $200 que o pai lhe dera, um pedacinho de lapis amarelo encontrado na calçada em frente à sua casa e... mais aínda? Arregalou os olhos. Era uma bolinha de prata, brilhante como nunca vira igual. Aquecida ao calor de sua mão, a bolinha foi crescendo, crescendo e em pouco, o menino sustinha na mão — *a lua*!

Tão admirado ficou que tirou tìmidamente a mão e a lua ficou no ar, enchendo o quarto de esplendor.

A mãe de Omar, vendo tanta claridade correu ao quarto do filhinho e — que susto! — encontrou alí a lua.

— Mamãe, veja que linda! exclamou o pequeno enlevado.

A mãe parecia petrificada. Imaginou que a lua descera do céu, entrando pela janela do quarto e ao ouvir o caso explicado pelo filho, não quís acreditar. Chamou o marido e Omar lhe contou a mesma história. Respondeu às mesmas perguntas, tantas vezes repetidas, sempre do mesmo modo, exatamente como contara pela primeira vez. E quando lhe perguntavam onde arranjara a bolinha de prata, dizia com tôda a ingenuidade: "Não sei! Encontrei-a no meu bolso!"

Depois acrescentou: — Mamãe, ontem à noite, contemplei a lua e desejei profundamente possuir uma igual a ela. E' tão bonita.

— Mas esta, meu filho, não é igual à lua, antes é a *própria* lua! Veja! O céu está estrelado; a lua devia estar lá e não está. Veiu aquí! exclamou, o pai, esfregando os olhos que doiam com tanta claridade.

— E agora? perguntou a mãe.

— Que poderemos fazer? Ir dormir. Talvez pela manhã ela volte ao seu lugar. Vou levá-la à sala para Omar poder dormir.

Tentou puxá-la, mas quem há-de?

— Que faremos? exclamou. Omar não pode dormir com tanto luar.

Imediatamente a lua se envolveu numa nuvem, mal se divisando a sua forma. E Omar dormiu e sonhou que passeava pelos ares num barco em forma de meia lua.

No dia seguinte a casa se encheu de gente, querendo ver a lua. Ficavam boquiabertos sem saber que dizer e que pensar. Os trens vinham apinhados de curiosos que, de todo o país, queriam certificar-se da veracidade da notícia. Queriam por fôrça ver o menino e a lua. A cidadezinha já não comportava o pessoal que incessantemente os trens despejavam. O tráfico ficou impedido. As casas comerciais já não tinham mais o que vender: exgotou-se o estoque.

E o pior é que algumas noites depois as estrêlas foram ficando doentes de saudades da lua e começaram

a cair do céu. Muitas cairam mesmo na cidade onde Omar morava. Felizmente as estrêlas eram inofensivas e apenas perturbavam a tranquilidade do lugar.

Em vista de tais acontecimentos o prefeito da cidade e as demais autoridades dirigiram-se à casa de Omar para pedir-lhe que desse um jeito com a lua. "Nosso povo", disseram, "não está satisfeito com a possibilidade de cairem outras estrêlas, além do apêrto em que se acha por causa de tanta gente aquí hospedada. A vida tôda da cidade está transtornada. Já não sabemos que fazer. Se você conseguir fazer a lua voltar para o céu de onde veiu, dar-lhe-emos dez contos de réis.

Dez contos! Os olhos do menino dansaram de júbilo. Tornar-se-ia um menino rico! Seus pais nunca imaginaram que seu filhinho viesse a ganhar tanto!

Mas como persuadir a lua a voltar? Todos esperavam ansiosos. Omar dirigiu-se a ela que, aos poucos, se tornava amarelada. Pôs as mãos sôbre ela e a linda orbe tremeu tôda. Dir-se-ia que ela adivinhara o pensamento do menino. Êle a puxou e a lua se deixou levar. Conduziu-a pela janela a fora, mas alí parou, recusando ir adiante. Com certeza, se Omar pudesse voar, conduzi-la-ia até o céu. Mas... não podia e a lua não subiu.

Finalmente, cansados de esperar, resolveram todos voltar para suas casas e dormir. E naquela noite, a lua, melancólica, vagueou pela cidade, espiando aquí e alí nos quartos cujas janelas estavam abertas, assustando assim muita gente.

Novamente no dia seguinte o prefeito e as autoridades voltaram à casa de Omar e solenemente lhe pediram trazer a lua para sua casa, pois os habitantes estavam em sobressalto. E dar-lhe-iam cem contos de réis, se conseguisse fazê-la voltar definitivamente para o céu.

Uma fortuna! Os pais de Omar olharam gravemente para o filho.

Omar saiu a chamar a lua para casa, mas como era dia claro não a encontrou. Ao entardecer, ansiosos, todos procuravam ver o menino levar a lua com sua cauda luminosa. Quando chegou à casa o pai falou:

— Peço a todos o obséquio de voltarem a suas casas, deixando que o menino fale a sós com a lua. Talvez assim êle a convença.

Voltaram todos, ficando no quarto apenas Omar e sua companheira prateada. E êle, encostando seu rostinho nela, disse:

— Eu quero que você fique mas é impossível. Por sua causa cairam estrêlas e a cidade se encheu de gente. Ninguém mais tem sossêgo e dizem que a culpa é minha. Além disso prometeram dar-me muito dinheiro se você for embora. Você vai? Daquí olharei para você lá no céu. E um dia — quem sabe? — eu subirei também.

A lua empalideceu, tornou-se branca e, diante da comoção dos que observavam a casa, passou pela janela aberta e vagarosamente e majestosamente subiu, subiu para o céu. Cada vez mais longe, mais longe e o povo comovido assistia à sua linda ascensão. Véus prateados cobriram a cidade e o povo sentiu o coração confrangido. E Omar, vendo-a partir, escondeu o rosto nos braços e chorou.

— Não quero dinheiro! soluçava êle. Quero a lua!

Mas a lua se foi e as estrêlas se regozijaram e a receberam na maior alegria. Até o sol, embora fôsse noite, espiou no horizonte e saudou-a com um sorriso.

Mas cá em baixo um menino soluçou até dormir.

Seu pai recebeu um cheque de cem contos de réis; o povo respirou com alívio. Tudo voltou ao seu primitivo estado de calma e tranquilidade.

Por muitas noites a lua não se mostrou no céu, pois também a sua tristeza foi grande.

E os habitantes daquela cidade, esquecendo-se dos temores pelos quais passaram, relembravam com prazer das vezes em que, com suas próprias mãos, haviam tocado a lua. Pareciam-lhes incrível.

Omar, no entanto, se comprazia apenas em olhar para a lua e dizer: "Um dia, talvez, quem sabe...?"

O PAVIO E O OLEO

"Vós sois a luz do mundo."

Sabem quem disse êste versinho: *Vós sois a luz do mundo*? Foi o grande Mestre, foi Jesús. E' ordem que êle deu a nós todos — brilhar. Vocês não gostariam de ser uma luz bem brilhante? Por certo já sabem quanto é ruim a gente ficar às escuras, não é verdade? Como é boa a luz! E Jesús disse: *Vós sois a luz do mundo. Deixai a vossa luz brilhar.* Não acham vocês que Jesús nos incumbiu de um trabalho precioso e que êle ficará triste se cada um não fizer a sua parte? Que bela coisa sermos ajudantes de Deus na iluminação do mundo, tornando-o claro para que o povo sem luz veja o caminho!

Mas, às vezes, tem acontecido de pessoas fazerem fiasco quando tentam brilhar. A luz se apaga e grande é o seu desapontamento. Ficam tristes e desanimam-se. Outros, os de pouca vontade, nem tentam.

Vocês conhecem bem a vela? Como se chama aquele fio que passa pelo meio, aparecendo numa das extremidades? Pavio, não é? Isso mesmo. E vocês já viram lamparina ou lampeão? Também êles têm pavio. Pois, o pavio foi feito para brilhar e êle parece querer brilhar mesmo. Basta que o acendamos. Experimentemos a vela. Oh! Ela brilha, mas, que pena, dura tão pouco! Já está se acabando, vejam. Coitada, teve vontade mas não resistiu muito. Todavia não devemos zombar de quem se esforça, pois o esfôrço já é uma virtude.

Vejamos, porém, êste outro pavio, o do lampeão. Pronto. Está acêso. E que luz! Bem mais clara e mais firme. Mas, que é que tem êste pavio que não se acaba? A luz continua, e não o queima. Que diferença haverá? Êste pavio pode durar um mês ou mais, iluminando tôdas as noites a casa, sem se consumir. Qual é o segrêdo, então? Como pode um pavio acabar-se num instante quando se esforça para brilhar, enquanto outro brilha firmemente, noite após noite?

Vocês sabem perfeitamente. O segrêdo é que o segundo pavio está dentro do óleo todo o tempo; quando a chama começa a enfraquecer, reclama logo mais óleo; e o óleo sobe pressuroso pelo pavio, sem cessar, alimentando assim a chama. Dêste modo é o óleo que se queima e não o paviozinho.

E neste mundo, crianças, nós somos apenas *pavio*; o óleo é Jesús. O que deve brilhar em nossa vida são os bons pensamentos, as boas palavras e as boas ações inspirados no seu grande amor e na sua vida exemplar.

Sem Jesús não teremos fôrça para brilhar *sempre*; talvez por um pouco só. Jesús mesmo disse: *"Sem mim nada podeis fazer". "Se estiverdes em mim dareis muito fruto."*

O Maravilhoso Mágico de Oz

CAPíTULO XIII — SALVOS!

O Leão Covarde pulou de alegria quando soube que a Bruxa se tinha derretido com um balde de água quente. Dorita tratou logo de abrir a porta da prisão e soltá-lo, e os dois entraram no castelo.

O primeiro cuidado de Dorita foi reunir os viniquianos e dizer-lhes que a sua escravidão terminara.

Em que alegria êles ficaram! Então era brincadeira verem-se livres da malvada Bruxa que os tinha escravizado, tratando-os peores do que a cachorros? Passaram o dia em festas e dansas e resolveram celebrar, daí em diante, o aniversário da sua libertação.

— Ah! disse o Leão, se o Espantalho e o Lenhador de Latão estivessem conosco, sentir-me-ia completamente feliz.

— Será que não podemos salvá-los? perguntou a menina.

— Quem sabe? Podemos, pelo menos, tentar, respondeu o Leão.

Chamaram, pois, os viniquianos amarelos e pediram-lhes que os ajudassem a salvar os seus amigos. Os viniquianos prontificaram-se a prestar qualquer auxílio a Dorita; não tinham com que pagar-lhe o muito que ela fizera por êles.

A menina escolheu, então, entre os viniquianos, os que lhe pareceram mais inteligentes e juntos partiram em procura dos amigos perdidos. Andaram aquele dia todo e uma parte do dia seguinte. Procura de cá, procura de lá, até que afinal chegaram ao rochedo onde encontraram o Lenhador de Latão todo amassado e torcido, com o machado ao lado, muito enferrujado, e com o cabo partido ao meio.

Cuidadosamente os viniquianos o levantaram e o carregaram ao castelo. Dorita, chorando, seguiu a triste procissão. O Leão ao seu lado, também ia carrancudo e triste. Chegando ao castelo, Dorita lhes perguntou:

— Podem dizer-me se há algum latoeiro nesta terra?

— Ora, se há! Muitíssimos e muito habilidosos.

— Então que venham aquí.

Quando os latoeiros chegaram, Dorita perguntou-lhes:

— Vocês são capazes de endireitar o meu pobre amigo, alizando suas amassaduras e soldando os lugares quebrados?

Tendo-o examinado minuciosamente, prometeram deixá-lo novo em fôlha.

Sem perda de tempo puseram mãos à obra. Trabalharam durante três dias e quatro noites, numa das espaçosas salas amarelas do castelo, martelando, torcendo, dobrando, soldando, polindo e amoldando as pernas, braços, corpo e cabeça do Lenhador de Latão. Só o deixaram quando ficou como era e quando suas juntas trabalhavam como antes do desastre. E' verdade que havia no corpo alguns remendos mas o serviço dos latoeiros era o que havia de bem feito e como o Lenhador não era muito almofadinha, deu-se por satisfeito.

Uma vez pronto, entrou no quarto de Dorita e agradeceu-lhe muito o tê-lo salvado duma sorte tão triste. Chorou de alegria e Dorita precisou enxugar-lhe as lágrimas com uma toalha, para evitar que novamente as juntas se enferrujassem. Ela mesma derramou lágrimas de gôzo ao ver o seu amigo ressuscitado; estas, porém, não precisou enxugar. O Leão, por sua vez, também chorou de alegria e tanto enxugou os olhos com a ponta da cauda, que precisou ir ao páteo para secá-la ao sol.

— Que pena o Espantalho não estar conosco, suspirou o Lenhador, quando Dorita acabou de contar-lhe tudo o que se passara enquanto êle estava perdido. Se êle também estivesse aquí, nossa alegria seria completa.

— E' verdade, precisamos procurá-lo, disse a menina. Chamou mais uma vez os viniquianos para virem em seu auxílio. Caminharam todo aquele dia e mais uma parte do dia seguinte até chegarem à enorme árvore, em cujos galhos os macacos alados tinham enroscado a roupa do Espantalho.

Ora, enquanto o Lenhador estava sendo consertado, um dos viniquianos que era ouriveis, fez um cabo de ouro massiço para o machado, e com êle substituiu o quebrado. Outros trabalhadores poliram o aço até que tôda a ferrugem saiu e tornando-se brilhante como prata.

Sem mais demora, o machado do Lenhador atacou vigorosamente a árvore, que não tardou a cair por terra, estrondosamente. A roupa do Espantalho, desprendendo-se dos galhos, rolou por terra.

Dorita ergueu o embrulho e os viniquianos levaram-no para o castelo e encheram a roupa com palha fresca e limpa. Mal acabaram de empalhá-lo de novo, — imaginem! — eis que êle surge, esperto como sempre, a agradecer com efusão aos seus bons amigos.

Agora, todos reunidos, passaram alguns dias no castelo amarelo, gozando do con-

fôrto daquela esplêndida moradia. Tudo ia bem, mas... eis que um dia a menina se lembrou da tia Ema e não quís mais ficar no castelo.

— Precisamos voltar para a Cidade das Esmeraldas e pedir a Oz que cumpra a sua promessa, lembrou Dorita.

— E' mesmo, disse o Lenhador. Arre, nem acredito que vou enfim ganhar um coração.

— E eu os miolos, disse o Espantalho, pulando de alegria.

— E eu, brrrr... ninguém se chegue!... Vou ficar corajoso, acrescentou o Leão.

— Viva eu! vou voltar para minha casa! exclamou Dorita, batendo palmas. Partamos amanhã para a Cidade das Esmeraldas!

Todos aceitaram a proposta e, na manhã seguinte, reuniram os viniquianos e despediram-se dêles que sentiram muito a separação dos viajantes. Como ficaram gostando muito do Lenhador, pediram-lhe que ficasse governando o País Amarelo do Ocidente, mas os quatro companheiros estavam decididos a partir juntos. Os viniquianos deram um colar de ouro para Totó e outro para o Leão; presentearam Dorita com uma linda pulseira cravejada de brilhantes; ao Espantalho deram uma bengala com castão de ouro para nela se firmar e ao Lenhador ofereceram uma azeiteira de prata, embutida em ouro e ornamentada com pedras preciosas.

Os viajantes agradeceram muito os presentes e trocaram tantos apertos de mãos com os viniquianos, que ficaram com os braços doendo.

Dorita foi ao armário da Bruxa procurar merenda para a viagem. Encontrou lá o barrete de ouro; experimentou e viu que lhe servia direitinho. Ela não sabia ser êle encantado, mas como o achou muito bonito, resolveu usá-lo e guardar o seu chapéu na cesta.

Então, estando todos prontos para a viagem, partiram entre as aclamações dos viniquianos para a Cidade das Esmeraldas.

CAPÍTULO XIV

OS MACACOS ALADOS

Os nossos pequenos leitores decerto lembram-se de que não havia estrada nem caminho algum entre o castelo da Bruxa de Oeste e a Cidade das Esmeraldas. Quando os quatro viajantes partiram à procura da Bruxa, esta os viu de longe e encarregou os macacos alados de os trazerem ao castelo. Era muito mais difícil achar o caminho através dos campos floridos do que ser levado ao seu destino nos braços dos macacos. Sabiam, apenas, que precisavam seguir para o Oriente, onde o sol nasce, portanto tomaram essa direção. Ao meio-dia, quando o sol estava bem alto, por cima de suas cabeças, ficaram desnorteados; não mais sabiam qual era o Oriente e qual o Ocidente, e assim perderam-se nos vastos campos. Todavia, continuaram a caminhar, a caminhar, e, com a noite apareceu a lua, bela e clara. Deitaram-se, então, entre as cheirosas flores vermelhas e dormiram a sono sôlto, até o amanhecer — com exceção do Espantalho e do Lenhador de Latão que, como sempre, ficaram de guarda.

Naquela manhã, o sol escondeu-se atrás de uma nuvem, mas os nossos amigos continuaram a viagem como se tivessem certeza da direção que deviam seguir.

— Se andarmos bastante, disse Dorita, havemos de chegar, mais cedo ou mais tarde, a algum lugar.

Passavam-se os dias e nada; só viam campinas floridas, que não tinham fim. O Espantalho começou a queixar-se.

— Qual, perdemos o caminho! disse êle. Se não acharmos a Cidade das Esmeraldas, nunca terei meus miolos.

— E eu estou perdendo a esperança de ganhar meu coração, disse o Lenhador de Latão. Estou impaciente por chegar ao palácio de Oz. Esta viagem está tornando-se insuportável!

— E devem notar, disse o Leão com um rugido surdo, que não tenho ânimo para caminhar tôda a vida sem chegar a nenhum lugar.

Ao ouvir isso, Dorita também ficou desanimada. Sentou-se no capim e ficou olhando para seus companheiros, que também se sentaram e ficaram olhando para ela. Pela primeira vez na vida, Totó sentiu-se tão cansado que nem teve coragem para correr atrás de uma borboleta que esvoaçava alí por perto. Estava ofegante, com a língua de fora e os olhos cravados

em Dorita como se lhe perguntasse que deveriam fazer.

— Ah! Já sei! Vamos chamar os camondongos do campo, sugeriu Dorita. Quem sabe êles nos podem ensinar o caminho para a Cidade das Esmeraldas?

— Bela idéia! esclamou o Espantalho. Como não lembramos disso há mais tempo?

Dorita apitou no pequeno assobio que trazia ao pescoço, desde que a Raínha dos Camondongos lh'a dera. Não tardou a ouvirem o rumor como de milhares de pezinhos correndo, e logo uma nuvem de camondongos cinzentos surgiu na sua frente. ntre êles estava a própria Raínha, que perguntou numa vozinha estridente:

— Em que poderei ser útil aos amigos?

— Perdemos o caminho, disse Dorita. Vossa Majestade poderá dizer-nos onde fica a Cidade das Esmeraldas?

— Com todo o prazer. respondeu a Raínha, mas chi... estão muito longe dela porque caminharam em direção oposta.

Nisso, ela notou o barrete de ouro que a menina trazia na cabeça e disse-lhe:

— Mas por que não usa o barrete encantado para chamar os macacos alados? Êles os levarão em menos de uma hora à Cidade das Esmeraldas.

— Não sabia que é encantado, respondeu Dorita, admirada. Qual é o poder dêle?

— Dentro do próprio barrete está escrita a explicação, tornou a Raínha dos Camondongos. Se você for chamar os macacos alados, precisamos safar-nos, pois que êles são muito travêssos e acham graça em perseguir-nos.

— Então êles não me farão mal? perguntou a menina.

— Que esperança! Êles são obrigados a obedecer ao dono do barrete. Sejam felizes e boa viagem!

Com isso a Raínha se foi e todos os camondongos atrás dela.

Dorita examinou o interior do barrete e viu que havia algumas palavras escritas no fôrro. Logo concluiu que eram essas as palavras mágicas e, portanto, leu tôdas as instruções com muita atenção. Em seguida tornou a pôr o barrete na cabeça.

— Ep -pe, pep-pe, hak-he! disse ela, equilibrando-se no pé esquerdo.

— Que você está dizendo? perguntou o Espantalho, que não sabia o que a menina estava tentando fazer.

— Kil - lo, hol - lo, hel - lo! continuou Dorita, equilibrando agora no pé direito.

— Ora, e essa? exclamou o Lenhador de Latão.

— Ziz - zí, zuz - zí, zic! disse aínda Dorita com os dois pés no chão.

No mesmo instante, ouviram um grande barulho e viram um bando dos macacos alados. O Rei fez uma profunda reverência à Dorita e lhe perguntou:

— Que ordena a menina?

— Quero ir à Cidade das Esmeraldas e perdemos o caminho, explicou ela.

— Muito bem. Carregá-los-emos para lá, respondeu o Rei.

Apenas disse isso, já dois macacos erguiam Dorita nos seus braços e voavam com ela pelos ares. Outros pegaram o Espantalho, o Lenhador de Latão e o Leão e um macaco pequenino agarrou Totó e seguiu os companheiros, a-pesar-de querer o cachorro mordê-lo.

A princípio o Espantalho e o Lenhador de Latão ficaram um pouco assustados, pois lembravam-se dos maus tratos que tinham recebido dos macacos alados noutra ocasião; porém, vendo que agora os animais não tinham más intenções, deixaram-se levar muito satisfeitos da vida e divertiram-se à grande, olhando para os jardins e bosques que viam lá muito em baixo.

Dorita voava pelos ares muito cômodamente nos braços de dois macacos e... que honra! um dêles era o próprio Rei! Com as mãos fizeram uma cadeirinha e carregaram a menina com todo o cuidado como se fôsse um nenézinho de colo.

— Por que é que vocês são obrigados a obedecer às palavras mágicas do barrete de ouro? perguntou ela.

— Chi! isso é uma história muito comprida, disse o Rei, rindo-se, mas já que vamos fazer uma viagem comprida, se quiser, contarei a história e assim o tempo passará mais depressa.

— Se quero! Estou louquinha por ouví-la.

— Em tempos passados, começou o chefe dos macacos, éramos um povo livre. Passávamos os dias na grande floresta dêste país, voando de uma árvore para outra, comendo as frutas que achávamos e fazendo tudo o que queríamos, sem obedecer a ninguém. E' verdade que alguns de

nós, às vêzes, éramos insubordinados; descíamos à terra e puxávamos o rabo dos animais que não tinham asas, perseguíamos os passarinhos e atirávamos coquinhos nas pessoas que passavam pela floresta. Vivíamos despreocupados e felizes. Isto, porém, já faz muitos anos. Foi antes de Oz descer das nuvens para reinar sôbre a terra.

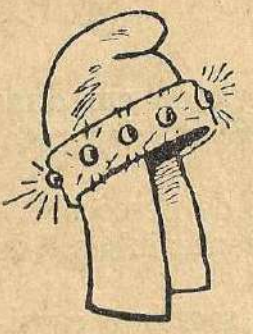
Vivia, então, no País do Norte, uma linda princesa que era também uma fada muito poderosa. A fadazinha era tão boa que tôda gente gostava dela. Seu nome era Gaileta; morava num palácio que era uma beleza, todo feito de enormes blocos de rubí! A graciosa princesa tinha, no entanto, um grande desgôsto: — era não achar a quem dedicar seu amor, pois todos os homens do seu reino eram formidáveis, feíssimos e além disso, burros demais para se casarem com ela, tão inteligente. Nenhum dêles merecia a mão duma donzela tão instruída e encantadora. Depois de muito procurar, Gaileta encontrou um belo menino, corajoso e muito inteligente. Resolveu casar-se com êle, logo que se tornasse maior. Levou-o então para o seu palácio de rubís e, com o auxílio de suas artes mágicas, o menino tornou-se o jovem mais belo, forte, corajoso e o mais bondoso de todo o reino. Quando ficou moço, Queláu, pois assim se chamava êle, era um rapagão às direitas. Era o melhor e o mais sábio de tôda a terra e tão formoso que Gaileta apaixonou-se doidamente por êle e logo começou os preparativos para o casamento.

Naquele tempo, meu avô era o rei dos macacos alados que habitavam a grande floresta, próxima ao palácio da princesa. Era um velhote levado da breca e que se babava por uma brincadeira. Um dia, pouco antes do casamento, meu avô estava voando com todo o seu bando, quando viu Queláu, passeando à beira do rio, todo catita, ricamente vestido de seda côr de rosa e veludo roxo.

Ao vê-lo, meu avô se lembrou de pregar-lhe uma peça. À sua ordem os macacos voaram sôbre Queláu e carregaram-no em seus braços até o meio do rio e **chum-gum...** deixaram-no cair nágua.

— Nade agora para a margem, almofadinha! gritou meu avô... e depois tire uma linha de suas roupas!

Queláu viu que não havia outro remédio. Felizmente, êle não era implicante, pelo contrário, achou até graça na brincadeira e quando subiu à tona dágua (pois que havia mergulhado), riu-se muito e nadou até à margem. Gaileta é que não gostou nem um pouco. Veiu correndo ver o que tinha acontecido; ficou deveras zangada ao notar que o banho forçado havia estragado completamente as sedas e os veludos.



A princesa sabia perfeitamente quem eram os culpados, por isso mandou chamar os macacos alados e condenou-os a serem jogados no rio, com as asas amarradas. Meu avô, porém, suplicou-lhe que não os castigasse tão severamente, pois sabia que se os macacos caíssem nágua com as asas amarradas, era uma vez! Queláu também pediu pelos pobres coitados. Finalmente, Gaileta perdoou-lhes, com a condição de que, daí em diante, fizessem por três vezes a vontade do dono do barrete de ouro. A princesa tinha mandado fazer êsse barrete para dá-lo de presente a Queláu e dizem que lhe custou a metade do seu reino. Meu avô e todos os macacos aceitaram, sem hesitar, essa condição e é por isso que somos três vêzes os escravos do dono do barrete.

— E que fim levaram todos êsses donos? perguntou Dorita, que ouvira a história com muito interêsse.

— Sendo Queláu o primeiro dono do barrete de ouro, tornou o macaco, foi êle também o primeiro a nos impor sua vontade. Sua noiva tinha tanta raiva de nós que não queria nem ver o príncipe enquanto morássemos alí por perto. Depois de casado, ordenou-nos ir para bem longe, onde não houvesse perigo, pois que Gaileta não queria ver nem a nossa sombra. Tratamos de obedecer-lhe quanto antes, pois tínhamos muito mêdo dêle.

Foi essa a única ordem de Queláu. Depois, o barrete de ouro foi parar nas mãos da Bruxa do Ocidente. Primeiro ela nos obrigou a escravizar os viniquianos e depois a expulsar Oz da Terra do Ocidente. Agora, o barrete de ouro é seu e por três vêzes tem o direito de mandar-nos fazer o que quiser.

Quando o Rei dos macacos acabou de contar sua história, Dorita olhou para baixo e viu as muralhas verdes e cintilantes da Cidade das Esmeraldas. Ficou admirada ao observar como os macacos voavam depressa, mas ficou muito contente de ter chegado ao fim da viagem. Com bastante cuidado os macacos largaram os viajantes diante da porta da cidade. O Rei fez uma profunda reverência a Dorita e depois, seguido por todo o bando, voou ligeiro pelo espaço afora.

— Que gostosura voar assim! disse a menina.

— Nem diga! E o melhor foi nem termos de pensar em perigos e dificuldades, disse o Leão. Que sorte você ter trazido êsse barrete maravilhoso!

(Continua).

AS DUAS CORRENTEZINHAS

Estarão vocês pensando em duas correntezinhas de ouro ou de prata, não é verdade?

Pois, não é. Nem é de pescôço!

Eram duas correntezinhas de água, dois riozinhos.

Um dêles não quís seguir o caminho que lhe estava preparado. Insistiu em desviar o seu curso.

Foi de um lado e de outro e afinal, sabem o que aconteceu? Acabou-se! Ficou sêco! Sumiu.

O outro riozinho nasceu como êste, no mesmo lugar, mas foi mais ajuizado. Devagar, devagar, foi correndo pelos sulcos que encontrou. Pulou pedras e fez curvas, e foi para diante, divertindo-se bastante.

De repente encontrou-se com outra corrente, maior que ela; fez-lhe companhia e depois de mais uma caminhada, toparam com um rio grande, onde despejaram suas águas, correndo agora com mais fôrça e segurança. Aquele rio foi para a frente, sem parar, até juntar-se com o oceano. A correntezinha, antes tão fraquinha, sentia-se agora possante, unida às águas, suas companheiras.

Como era divertido e bom sustentar navios, brincar com os peixes, e ver diversos portos! Era uma vida boa e útil a sua!

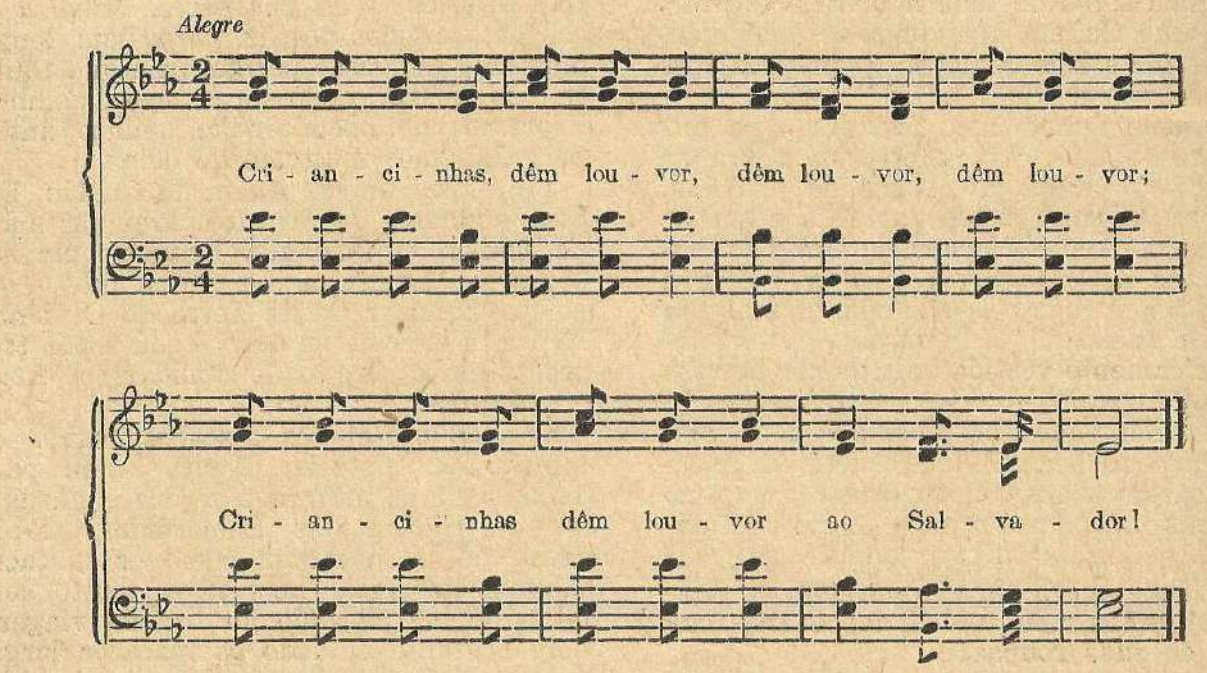
Às vezes encontramos crianças e até gente grande como estas duas correntes. E sabem por que?

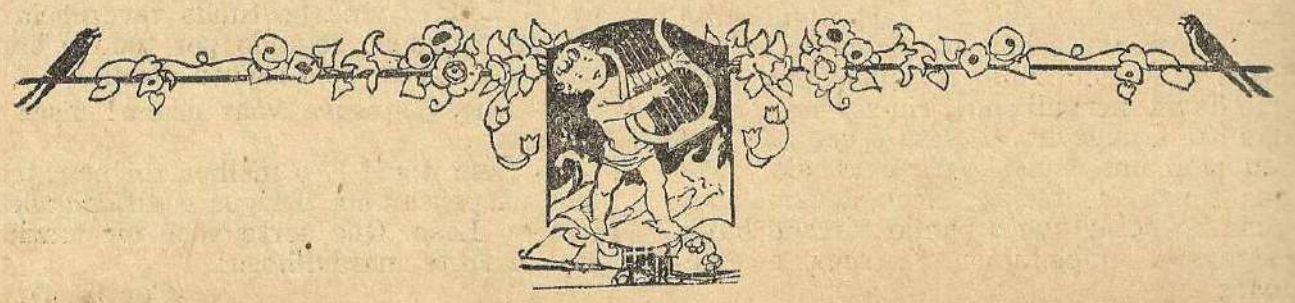
★

Criancinhas dêm louvor!

Letra traduzida por Eula K. Long.

Mus. usada com licença de D. C. Cook Publ. Co., E. U. A.





QUEM É QUE SABE?

1) Completar : *Reconheço por verdade que Deus não faz acepção de pessoas ; mas que lhe é agradável aquele que em qualquer nação...*
2) Corrigir : Se você fazer tudo certo, dou-te um doce.
3) Com que idade ficou cego o escritor português Antônio Feliciano de Castilho ?
4) Em quantas partes se divide o nosso coração ?
5) Que é daltonismo ?
6) Como se chamava o Barão do Rio Branco ?
7) Quem governava o Brasil por ocasião da grande guerra europeia ? (1914-1918)
8) Qual é o grau superlativo absoluto sintético de *íntegro*.
9) Em que país o pó aumenta com as chuvas ?
10) Qual é a mão que não pode usar luvas ?
11) Ele morre queimando-se ; ela, cantando.
12) Qual foi o homem que matou a quarta parte do mundo ?
13) Tenho em casa um pato com uma pata e todos têm muito dó dêle. Por que ?
14) Por que Champollion se tornou notável ?
15) Em que lugar estava S. João quando recebeu a revelação do Apocalipse ?

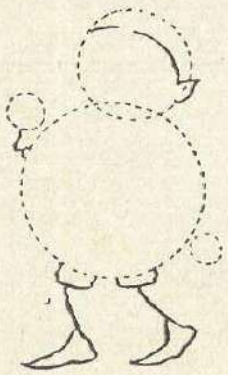
Respostas às pergunts de setembro.

1) ...*aparte-se da iniquidade.*
2) A ilha Vancouver.
3) A lira, em virtude de o seu rabo se assemelhar ao feitio do instrumento.
4) Sola (perdendo o *a* fica sol).
5) Nenhum, pois naquele tempo aínda não havia aviação.
6) O terno.
7) Ela é sua mãe.
8) O coronel Goethals
9) *Fique* quieto, você não vê que *seu* pai está lendo ou Fica quieto, não vês que teu pai está lendo ?
10) Porque a luz caminha mais depressa que o som.
11) Homero.
12 Elias Howe.
13) Embuia, pinho, caviuna, peroba, jacarandá, canela, pau-rosa, massaranduba, jangada, o oleo, o ipé.
14) Quatorze.
15) Quarenta dias e quarenta noites.

O Homunculo da Terra da Saúde

O meu leitorzinho vae ler esta pagina, e depois de aprender todas as cousas sobre esse pessoalzinho engraçado da Terra da Saúde, tentará desenhal-os. Começará com as linhas simples e irá accrescentando outras até completar a figura.

·1·



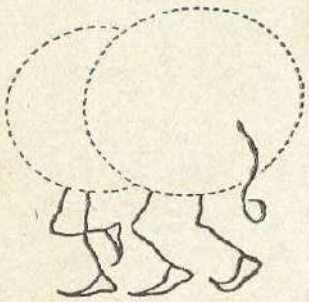
Nesta pagina, amiguinho,
Uma cousa vou dizer —
É segredo, segredinho . . .
Mas vale a pena saber.

·2·

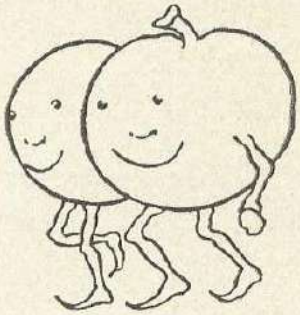
Contou-m'a um gajo engraçado
Lá da Terra da Saúde;
Andava meio de lado,
Sorria, jovial, a miúde.

·3·

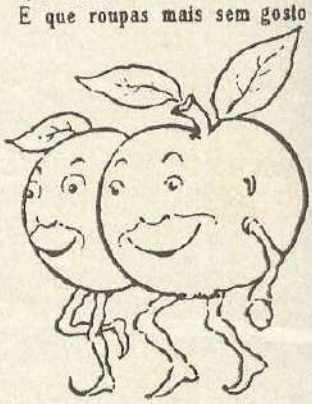
Tinha as faces bem vermelhas,
Tinha bem redondo o rosto.
Que formidaveis orelhas !
E que roupas mais sem gosto !



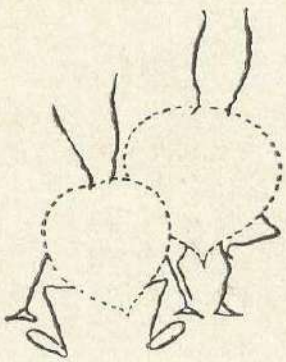
Mas era forte. Comsigo
Trouxera laranjas bellas;
Disse-me assim : — Caro amigo,
São fructas boas aquellas;



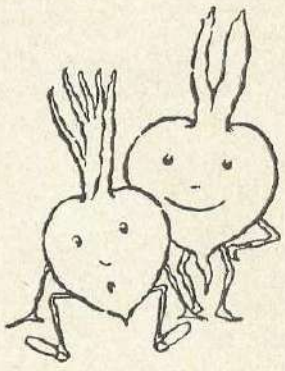
É verdade pura isso:
As virtudes que em si trazem
(Parece incrivel, feitiço !)
Que bem que para nós fazem !



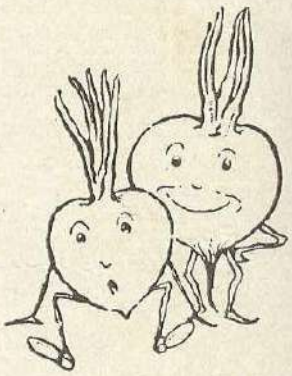
Chupa sempre, chupa já
Ao menos uma laranja,
E assim ella impedirá
Que a tristeza te contranja.



Tambem a Cenoura, o Nabo,
A Beterraba e outros mais
Da indisposição dão cabo:
São amigos serviçaes.



No teu almoço e jantar,
Dos vegetaes não prescindas:
São alimentos sem par:
Tornam as crianças lindas.



Eis o segredo que faz
Um pequeno forte, esperto;
Experimenta e verás
Que tudo isso é mesmo certo.